

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	80 "

A correspondência relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia
Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam annunciam-se em troca de um exemplar

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

“Os dissidentes,”

(CONFRONTOS)

III

A serie de considerações, brevissimas e superficiaes, que sobre o assumpto da epigraphe tenho formulado neste lugar, leva directa e naturalmente a uma conclusão, cuja bondade logica a minha razão acceta por convicções seguras.

Quero dizer: a orientação inconveniente dos *dissidentes*, mau grado os desejos dos seus impulsores, tem concorrido poderosa e efficaçamente para o fortalecimento do regime e dos partidos que a *dissidencia*, considerada na sua maxima significação, combate e busca destruir.

A propaganda republicana, por exaggeradamente radical, demagogica e subversiva, volveu-se em bôa escora da monarchia, e a persistente acção dos *dissidentes* monarchicos, por inconveniente, inopportuna, e pessimamente dirigida e sustentada, vai desentranhando-se continuamente em força e vitalidade para os partidos rotativos, não obstante procurar, a todo o transe e a todo o custo, a perdição delles.

Os republicanos tem lavrado a propria condemnação no alto desregramento de linguagem e na ruindade de ideias, com que expressam e affirmam o seu pensamento, os seus principios e intuitos, e com que expõem o seu systema e programma politico-sociaes.

E' inquestionavel que é aos seus erros praticos e ás suas perigosas doutrinas que o partido republicano deve o seu enfraquecimento progressivo desde certa epoca; e aos mesmos factores deve, principalmente sem dúvida, a monarchia o seu consecutivo engrandecimento e estavel firmeza, senão até a mesma existencia.

Houve tempo em que o país se teria quasi em massa affirmado republicano, se não fossem o radicalismo imbecil e a irreligiosidade boçal e propositada de perigosos demagogos, que pretenderam encarnar em si a ideia democratica portuguesa.

Por que é que tantos cidadãos, mais convictamente e mais sinceramente republicanos que taes demagogos, anti-patriotas e impios, se obstina-

ram sempre em não ter estes por dirigentes e em não se alistar sob as bandeiras do republicanismo militante?

Porque os nossos republicanos têm mostrado, pelo menos, tanto empenho em dar uma religião nova ao país, como em lhe dar um novo regime politico.

E, assim, a sua obra é anti-patriotica e má, pois que os seus primeiros effeitos se manifestariam em perturbações de toda a ordem, cujo alcance apavora, porque não se pôde prever.

De mais, o país tem uma religião que não recebeu dos homens, e que, por conseguinte, também não pôde legitimamente ser-lhe tirada por homens.

A religião de Portugal é verdadeira, é santa e é divina, e bom fóra, mesmo para a felicidade temporal do seu povo, que todos os portugueses a professassem e praticassem, pois que a unidade de fé religiosa é a base essencial e a origem primeira da paz social e da harmonia politica das nações.

Os republicanos deviam saber isto e respeitá-lo, que assim beneficiariam o seu partido e a sua patria.

Não o têm feito, e por isso a cotação do seu partido desce dia a dia, a monarchia mantem-se, e a nação e o povo soffrem cada vez mais.

Os *dissidentes* da monarchia, como se vê, têm construido a estacaria em que, parcialmente ao menos, a monarchia se firma; os *dissidentes* do rotativismo, por sua vez, têm concorrido com fortes elementos e materiaes excellentes, de que se vai fazendo o muro de suporte que aguenta o rotativismo e o mantem.

O franquismo consolidou o partido regenerador, que é hoje o mais forte e mais bem garantido do país, apesar de trabalhar porfiadamente por lhe dar a morte—e morte ignominiosa e infamante.

A desenvoltura da sua propaganda, a maneira insolita dos seus processos, as suas arremetidas epilepticas e as suas ameaças desrespeitadoras e inconvenientissimas—de par com a lisonja estúpida, com a adulação servilissima e com as humiliações inopportunas—tornaram inviavel o franquismo, que hoje não tem valor social ponderavel e que

se affirme em imposições attendiveis.

E o partido progressista a que deve hoje a sua existencia, ou, ao menos, a posse da governação?

Ao franquismo, que é uma experiencia, e, mais proxima-mente, ao alpinismo, que, quando se esperava d'elle sistidez e criterio, descambou no desequilibrio e na anormalidade.

Causa até pasmo o considerar um instante como o snr. José de Alpoim, estadista pratico, experimentado e astuto, se foi tam depressa estatelar na total incorrecção, no raso descarrilamento!

A soffreguidão do poder, a pressa de tomar as redeas da governação, os pruridos irrequietos de vingança urgente, ou o quer que seja, cegam, desesperam e inutilizam os chefes novos.

Do seu desespero provêm os seus erros, e destes a sua inutilização.

Quem lucra? Os adversarios que elles combatem.

Nem mais nem menos.

De resto as affirmações dos *dissidentes* monarchicos tornam-se um perigo para as instituições e para a vida social; a isto, que é grave, accresce uma incongruencia pasmosa, manifestada em todos os seus actos, e additam-se taras immensas de contradicções inconcebiveis em toda a sua actividade.

Por isso se tornam suspeitos, e quiçá indignos do poder e da confiança de quem dá e retira o poder.

Desta maneira, a vida nacional ou não melhora ou melhora a passos vagarosos e incertos, porque a violencia, que não a espontaneidade, a domina.

Os republicanos sam maus portugueses, tornam-se suspeitos ao país; os outros *dissidentes* sam monarchicos condicionaes, e tornam-se suspeitos ao rei: na vida das gerações actuaes nada ha a esperar, felizmente, talvez, nem duns nem doutros.

Meditem os partidos e os homens, reflectam e raciocinem, e depois, em synthese significativa, poderám dizer o que vale a obra da *dissidencia*, no bom e no mau sentido—nas utilidades e nas desvantagens que têm trazido ao país.

Na *dissidencia*, hoje, não tive intenção de metter o na-

cionalismo: esse partido, porque está dentro da ordem, da regularidade, dos bons principios religioso-sociaes e das bôas tradições da nossa terra, merece referencia distincta, neste pequenino e desauthorizado estudo sobre os *dissidentes* portugueses.

C. R. DE SÁ.

Notas

«Cathólico por tradição...»

Lá nos parecia: quando, para elogiar o catholicismo dum cavalleiro, é preciso limitar o panegyrico á suspetissima e anódina affirmação de que é «cathólico por tradição de familia», mal vai a integridade e pureza de taes crenças.

Não queríamos dizer—quando ha dias escreviamos um artigo sob a epigraphe desta nota—que o sujeito, cujo elogio provocou as nossas reflexões, só fosse «cathólico por tradição da familia»; pois o não conheciamos. Mas tal espécie de elogio, se não revelasse a triste inconsciência do escriptor, era, pelo uso constante, uma forte presumpção contra a sublimada catholicidade do heroe.

Dito e feito: não se passaram muitos dias após o nosso artigo, e noticiaram todos os periódicos que o tal personagem, apesar das especialissimas circumstâncias e conveniências humanas que o deviam inspirar doutro modo, provocou pública e escandalosamente para um duello um escriptor por quem se julgou menoscabado.

Sabe-se que o duello é uma pratica bárbara e estúpida, condemnada por todas as leis divinas e humanas, e nomiadamente pela nossa legislação penal; e ninguem ignora que a Igreja catholica, vigilante guarda e mantenedora de todos os bons principios, fulmina a mais grave das penas canónicas, a pena de excomunição, contra os cúmplices do irracional delicto. Pois o tal «cathólico por tradição de familia» provocou para duello, incorrendo portanto em excomunição; e, apesar de já se ter passado bom número de dias, ainda não consta (e era indispensavel que constasse, se o facto se tivesse dado) que pedisse a absolvição da terrivel pena. Está e continúa pois segregado da communhão catholica.

Mas isto não impede que o aludido elogiador, ou outro de semelhante génio e critério, nos venha apresentar daqui a dois dias o mesmo personagem como cabal exemplar de fiel cumpridor dos preceitos religiosos e pontual respeitador das leis da Igreja.

Não queremos commentar agora o facto de continuar sendo ministro (da fazenda) dum estado onde a religião catholica é a official e onde as leis prohibem e punem o duello, o homem que commetteu tal delicto.

O mêdo das palavras.

Todos os nossos leitores saberám (e dahi... talvez não saibam) que se realizou hontem em França a eleição do novo presidente da república. O que nem todos saberám é um facto curiosissimo, tam odioso como ridiculo, succedido a propósito da eleição.

A França é governada, ha certo tempo, por homens loucos de jacobinismo: sectários raivosos e malucos estremes. Ora a eleição devia fazer-se, como de costume, na antiga sala, chamada a «capella» do Senado (*la chapelle du Sénat*).

Imagina-se facilmente que uns inimigos tam declarados de tudo quanto é religião, só entrem numa «capella» para commetter algum sacrilégio, julgando-se deshonrados, se lá entrassem por outro motivo. Mas o que ninguem imaginaria é que elles levassem tam longe a sua ridicula estulticia, que até da simplez palavra «capella» tivessem mêdo.

Mas querem os leitores saber como, nas cartas convocatórias para a eleição presidencial, se conseguiu evitar a palavra «capella», que escripta seccaria a penna, ouvida atordoaria os ouvidos, pronunciada queimaria os lábios aquelles espiritos fortes? Diziam as ditas cartas que a reunião se realizaria (vá em francês, segundo os próprios termos da carta) *au palais du Sénat, dans la salle du rez-de-chaussée, au fond de la cour d'honneur, à gauche!* Por um triz faziam acompanhar as cartas convocatórias duma planta do edificio.

A que extremos pôde arrastar o sectarismo os seus miseraveis escravos!

Engenhoso de mais.

Quem se não terá admirado dos engenhosos reclamos que diariamente se lêem nessas folhas? Ora, se a arte de enganar o próximo, ainda neste particular, assim está aperfeçoada, é porque alguma coisa rende para os seus auctores. Mas tudo tem limites: já S. Paulo dizia que é bem *non plus sapere quam oportet sapere*.

Ha pouco um pádeiro de Paris affixou nos seus mostruários um aviso calligraphico em que fazia publico o seguinte:

«Sam prevenidos os frêgueses desta casa de que uma das minhas tortas postas á venda no dia 31 de dezembro conterá uma moêda de 10 francos. Alem disso, aquelle que a levar, terá direito, no dia seguinte, a 6 dúzias de tortas gratuitamente.»

O effeito foi maravilhoso: as tortas desapareceram... como bom pão, e o pádeiro esfregava as mãos de contente pela habilidade do seu tratagem.

Engano de alma, ledo e cego, que... os frêgueses não deixaram durar muito.

No dia seguinte, logo pela manhã, uma astuta dona de casa, côrada de alegria, apresenta-se lépida com uma moêdazita de ouro na mão: «Fui eu a que ganhei» disse ella. Depois de a ter felicita-

do, como cumpria a quem tam desinteressadamente procurava o bem de seus frêgueses, e de lhe ter entregado as promettidas 6 dúzias de tortas, ia o padeiro a dirigir-se para junto do forno, quando outra frêguesa se apresentou com a moêda de ouro na mão, pedindo o cumprimento da promessa do honrado sujeito, pois era ella quem tinha ganhado. Após esta veio outra, depois outra, e outra... vinte, trinta... que todas tinham ganhado o prêmio e todas davam os signaes certos. Não tardou que a loja do já agora infeliz padeiro fosse invadida por uma multidão impaciente, berradora, insupportavel, que pretendia o cumprimento da promessa do padeiro.

Foi preciso chamar a policia, para livrar de apertos o infortunado, que, pretendendo enganar meio mundo, caiu miseravelmente em seu próprio laço.

Se a Providência permitisse que todos os intrujões recebessem já neste mundo semelhante pago das suas intrujices, andaria o pobre povo (que tambem vai sabendo assás da arte) menos exposto a gananciosas astúcias.

L. F.

O clero francês

II

E' com tristeza que acabo de verificar a luz dos factos, que a illustração e o zelo do clero francês, que se invocam como dignos de imitação, não passam de uma pura lenda. Mas, dirá alguém, como é que se formou essa lenda? Muito simplesmente.

A França é muito grande e por isso tem de tudo. Tem Padres, e muitos, duma illustração vastissima e dum zelo inexcedivel. Estes Padres, como é natural, destacam-se, dam nas vistas, sam nomiados em toda a parte. Mas não nos deixemos illudir; esses Padres constituem uma pequena minoria. Sam muitos com relação a Portugal, porém poucos com relação a França.

Nós temos a mania de generalizar. Lemos a narração do fecundo apostolado dalguns Parochos francezes e ficamos realmente assombrados. Parece-nos impossivel que um só homem e com tam poucos recursos possa fazer tanto bem. Se formos contar o facto a alguém, já não dizemos o Parocho tal ou alguns Parochos francezes, mas o clero francês. Tomamos as excepções como factos normaes e assim erramos muitas vezes os nossos juizos. Vamos aos algarismos para melhor se comprehender o meupensamento.

Em França ha pelo menos 36:000 Parochos. Ora dêmos que 10:000 sejam verdadeiramente zelosos no cumprimento dos seus deveres. Notem os meus leitores que este numerojá é muito respeitavel e que, comparado com Portugal, ainda mais impressiona. Mas a França não é Portugal e por isso a influencia desses 10:000 Parochos, posto que illustrados e zelosos, apenas se estende a uma terça parte da nação. Podem fazer muito bem, mas não podem de modo algum contrabalançar os maus effectos produzidos pela inercia, frieza, cobardia, ignorancia e incorrecção dos restantes 26:000.

Admito de boamente que em França haja 10:000 Parochos irreprehensiveis sob qualquer ponto de vista que se considerem; mas havemos de concordar em que a esses não lhes era possivel impedirem as desgraças que têm caído sobre a sua nação. Já não succederia assim, se, em lugar de 10:000, fossem 26:000. Se em França houves-

se 26:000 Parochos bem compenetrados da sua missão, resolutos a affrontar todas as difficuldades, perfeitamente unidos nos seus pensamentos e nas suas vistas, filialmente submissos ás indicações de Leão XIII, não teriamos hoje a deplorar a expulsão das ordens religiosas e a separação da Igreja e do Estado.

Com o episcopado dá-se a mesma coisa. Se tem alguns membros verdadeiramente apostolicos, sobranceiros a respeito humanos, desassombradamente dedicados ao bem da religião; tambem tem muitos que sam umas perfeitas nullidades e que cuidam mais das suas commodidades do que dos interesses religiosos. Ha em França 84 bispos, incluindo a Corsega. Ora se os 84 Bispos francezes fossem Bispos a valer, conhecessem bem os seus deveres e os cumprissem com fidelidade, formassem um clero digno e procedessem de harmonia com os conselhos do Papa, não teriam impedido os males que agora opprimem a sua nação? Os casos dos Bispos de Laval e Dijon sam uma revelação para quem quiser estudar a historia do episcopado francez. Ainda que um terço dos Bispos francezes sejam de um procedimento modelar e se imponham á nossa admiração pelas suas excellas virtudes, não podem neutralizar a pessima influencia dos seus collegas restantes.

Pessima influencia digo eu, e talvez que os meus leitores taxem de exaggerada a minha qualificação. Será; mas é deduzida dos factos. Se não houvesse muitas transigencias culpaveis da parte dos Bispos, muita incuria no cumprimento das suas obrigações, muito desleixo na educação e instrução do clero, muita indocilidade para com os ensinamentos da Santa Sé, as coisas teriam chegado tam longe como chegaram?

Não creio, porque não é de crer. O certo é que em França, como cá, más fadas ha. Mas, diga alguém, que interesse ha em averiguar estas coisas que servem apenas para regozijo dos maus? Ha sempre interesse em esclarecer a verdade e assim se acaba com um contrasenso que nos pôde ser muito funesto.

Se o episcopado e o clero francês eram tam illustrados e zelosos, como nós criamos, e a pesar disso não puderam prevenir as desgraças que agora pesam sobre a sua nação, segue-se daqui que nada valem o zelo e a illustração e que, ainda que nós estejamos ameaçados das mesmas desgraças, por mais que trabalhemos não as podemos evitar. Ora esta conclusão é inadmissivel. Um zelo esclarecido, prudente, perseverante, não pode deixar de produzir fructo, por mais safaro que seja o terreno onde se exerça. Se o clero francês tivesse obedecido aos sapientissimos ensinamentos do immortal Leão XIII, se se tivesse unido no terreno constitucional e procurasse unir os catholicos do seu pais, se tivesse trabalhado, ao menos indirectamente, para a formação dum partido exclusivamente catholico, a tempestade que ameaçava a nação teria desaparecido.

Ha em França um agrupamento de homens de boa vontade, que, se fosse auxiliado por todos os que se dizem patriotas, podia vir a fazer muito bem. E' a *Ação liberal popular*. Comtudo este agrupamento tem sido recebido friamente pelo clero. Uns por indifferença, outros porque não sympathizam com o seu programma, não o apoiam, como elle merece.

A França está a receber o castigo da sua indifferença e das suas divisões. Bem se cansou Leão XIII em a avisar de que, se os homens de boa vontade se não unissem, não soffreria sómente a religião, soffreria tambem a sociedade civil com os males que de dia para dia se iam aggravando. Não o quise-

ram escutar, não lhe quiseram obedecer; assim soffrem o que poderiam ter evitado.

A separação da Igreja e do Estado é um mal, como o mesmo Pontifice o tinha declarado muitos annos antes; «Desde que o Estado recusa dar a Deus o que é de Deus, por uma consequencia necessaria recusa dar aos cidadãos aquillo a que como homens têm direito; porque, quer se queira quer não, os verdadeiros direitos do homem nasçem precisamente dos seus deveres para com Deus».

«Em face dessas tendencias, em face dos males que dahi decorrem, com grande prejuizo da Igreja de França, e que se vam aggravando de dia para dia, o nosso silencio tornar-nos-hia culpado deante de Deus e deante dos homens, diz Leão XIII aos Cardiaes francezes. Teriam insinuado que nós julgavamos digno de approvação ou pelo menos de tolerancia as ruinas religiosas, moraes, civis, amontoadas pela tyrannia das seitas anti-christãs. Ter-nos-hiam censurado de deixarmos desprovidos de direcção e apoio todos esses francezes corajosos, que nas presentes tribulações precisam, mais que nunca, de ser fortificados. Nós deviamos principalmente estímulos ao clero, ao qual se queria contra a natureza da sua vocação impôr silencio no exercicio do seu ministerio.»

Os francezes no geral não deram grande attenção aos avisos do sabio Pontifice, e o clero, que os devia propagar e defender, tambem não fez caso delles; agora soffrem todos em castigo da sua inercia. E mais uma vez se verifica que os Pontifices romanos, porque estão muito alto, vêem melhor as coisas e por isso merecem ser obedecidos nas direcções que derem aos povos.

APHONSO.

Carta do Porto

Nunca vimos povo mais basbaque do que este do Porto.

Que novidade, que bellêza, que importancia pôde haver aqui num vapor semi-encahido na areia à Foz do Douro, sem que ao menos ameace ruína? Não o podemos dizer nós que a não achamos—por falta de comprehensão, talvez—mas que o diga essa multidão innumera, que, nos dias de sexta-feira, sabado e domingo, tomava de assalto os electricos, que precisariam duma capacidade dez vezes maior do que a que têm para comportar o numero deromeiros que dos quatro angulos da cidade para lá se dirigiam. Cremos que as peregrinações mahometanas ás suas cidades santas de Mecca e Medina nunca despertaram um fervor assim.

Se o sinistro que se deu com o vapor *Tagus*, aqui nas aguas do Douro, se desse em Braga ou Guimarães, achavamos muito justo o pismo popular, porque era uma coisa nunca vista. Mas aqui no Porto, onde a gente vê ás dezenas vapores fundeados no rio, tam proximos da terra, que de bocca se lhes pode fallar, onde todos têm visto por muitas vezes o agora infortunado vapor, que era um assiduo frequentador desta praça commercial, que novidade se pôde procurar tam avidamente, que interesse tam urgente chamará ali cardumes de pessoas de ambos os sexos, e, pelo que dizem, até de todas as classes sociaes?

Triste necessidade é dar a resposta. Mas este exordio já fatigante e desperdiçado de prosa lijéira exige-a: a curiosidade sem medida em espiritos fracos que só sonham com prazer mesmo á custa de todos os ridiculos!

Isto é o estado deploravel da sociedade do nosso tempo.

Os pobres gastam quantos vintens podem arranjar sem olharem pelo dia de amanhã. Os mais abastados dam-lhes o exemplo completo de gastarem mais do que têm e em breve viverem na miseria. Mas enquanto ha flores não cessam de tesser corôas, enquanto ha pão e vinho come-se e bebe-se; e depois de tudo isto, é fatal uma de duas misérias: os mais ousados, que o mesmo é que dizer os mais loucos, suicidam-se; os outros revestem-se de miseria e acompanham na em todas as suas vicissitudes.

Ha de ser facil a regeneração dum povo assim? Nem distinguem entre o mais e o menos bello para, ao menos, se aproveitarem do que melhor os possa deleitar; até nisso o entendimento se lhes cegou. Porque nestes mesmos dias em que *todo o mundo* se dirigia à Foz para ver o vapor—que as photographias já expõem á venda em grandes cartões—que não offerecia, nem offecea ainda, absolutamente nada de importante á vista, nesses mesmos dias era digno de ver-se o grande espectáculo que Mattosinhos e toda a bacia comprehendida entre esta praia e a Foz do Douro offerecia gratis a todos quantos quisessem desfructá-lo.

Manobravam ali quinze vapores fóra de Leixões por não poderem entrar a barra do Douro nem poderem ancorar no porto artificial. Este achava-se com a sua lotação completa e para que o numero excessivo não viesse perturbar a segurança em que se achava, já de si pouco garantida, o capitão do porto ordenou que este se fechasse. Era então espectáculo bem mais interessante ver-se aquella pequena esquadra de vapores mercantes, do que estar boquiaberto a ver o *Tagus*. Mas nem por isso este teve menos quem lhe desejasse assistir á agonia, que, para irrisão de todos, ainda não chegou e até esperam os peritos prolongar lhe a existencia.

E por estarmos agora lidando com navios e portos, vem a proposito dar duas informações sobre Leixões. O molhe sul está a desmoronar-se e tam mal seguro o acharam as auctoridades, que até prohibiram que se passeasse sobre elle, desde certo ponto.

A outra é que, sendo aquelle porto de abrigo tamanho, não pode comportar, sobretudo em dias de temporal, quando era mais preciso, senão um limitadissimo numero de vapores.

Para que se não choquem, exige cada um tal espaço, que, garantirmos, não se podem abrigar lá mais de uma dúzia de vapores. Eiz para que se gastaram alguns mil contos de reis.

A nossa felicidade nacional é digna das intelligencias que presidem aos seus destinos. E a capacidade popular promette as novas edições *correctas e augmentadas!*

R. L.

A Mouta

(Não é romance)

...O que nos mata é não haver quem tenha a coragem de dizer a verdade toda, seja a quem for e seja onde for.

P. PAULINO AVHONSO.

(Continuado do n.º 110)

VI

A questão é de dinheiro ou coisa que o valha.

A civilização avança! Desde as espingardas Krupp até ás cannetas dos tabellêes e ás regedorias de parochia e aos gabinetes de ministros é tudo um Deus-dará de beneficos resultados da civilização — arte facil de roubar a humanidade por junto e a retalho.

A ingenuidade accorda após a espoliação. Choram-se lagrimas de sangue depois do iudíbrio. Mas é tudo em vão.

A tratantada tem a sanção da lei... E adeante:

Mais tarde o donatario alienou o beneficio: se elle era repugnantemente ingrato para com a prodiga mulher, no tempo em que a saude lhe aureolava a vida, qual deve ser o qualificativo justo para a frieza indigna, vilissima, com que assistiu á agonia da benefiteira, respondendo a quem lhe annunciava o tremendo supplicio da martyr: «fechem-lhe a porta e deixem-na morrer á vontade!»

Pois um cavalheiro com uma alma deste quilate, com este requinte de malevolencia, com sentimentos deste jaez, enviando ha poucos mezes, com setenta e cinco annos de idade — setenta e cinco, senhores! — ainda encontrou mulher de trinta annos, filha de honesta familia, que lhe desse a mão de esposa. O consorcio foi hontem *O sacra famés!*

E este caso isolado revela, infelizmente, testemunha o morbido estado psychologico da sociedade moderna. E' um miseravel dessoramento. Caracteres antigos, inteiriços, nobres, portuguezes de lei, tudo se liquida na feira das conveniencias e interesses, em uma degradação repugnantemente cynica.

Um ladrão confesso e professo, tendo roubado com habilidade, pode passar triumphante. Um cortejo de esfo-meados alvarmente o palmeia. Vileza e lódo: uma hedionda miseria.

Mas, continuando: Alienou o beneficio. E fê-lo em condições taes, absurdas, obscuras, de tal modo embrulhadas, que, dentro em pouco, a doadora nem usufruia, na casa do predio, a habitação. Toda a gente da terra é testemunha disto.

Ficou entregue ao novo proprietario daquillo que devia ser della e só della.

Claro: não havia ali um sentimento sincero de compaixão, uma caricia verdadeira de amor.

E isto é natural. A velha era um fardo que se pretendia alijar.

A pellagrosa não queria comer! E não comia, persuadida de que lhe envenenavam os alimentos. E esta persuasão produziu-lha, ao seu espirito fraco, o interesse alheio. Perversidade!

Já varias vezes, aturdida com apupos e com doestos malvados, ali adiante batera á porta dum humilde artista rodeado de filhos, pedir ao pobre homem o abrigo das telhas do seu tecto e uma restea de calor do seu pequeno lar. E este pedido era feito como por um condemnado foragido, em sobresaltos, imaginando sempre em cada sombra, em cada rumor, a aproximação dos seus carrascos.

Se algum destes se julgar melindrado com esta exposição franca e desassombrada, leia na consciencia, se este reflector das acções não está ainda de todo embaciado. Leia na consciencia, recorde as indignidades perversas e, se as não quiser confessar — o que aliás não é preciso para conhecimento do público — avive o remorso e aproveite os beneficos dells: penitencie-se. Existe para elle «unicamente a aurora da contrição». Opprimindo um ser humano, esmagando impiedosamente um seu irmão, redima-se agora em abnegações para com os desgraçados, para com os nus, para com os fracos; ampare a miseria; atire-se ao mar para defender um naufrago; arroje-se a um incendio para libertar alguma presa das chammias. Assim é que se lavam nodos de crimes; assim é que se purificam culpados, e se dignificam monstros.

Diz o Codigo Civil, art. 1482: «As doações consummadas só podem ser revogadas, alem dos casos em que o pôde ser qualquer contracto:

1.º — Por ingratidão do donatario. Art. 1488.º A doação pôde ser revogada por ingratidão:

1.º — Se, caído o doador em pobreza, o donatario recusar soccorrê-lo de modo proporcionado á importancia que, deduzidos os encargos, teve a doação.»

A lei, segundo a letra, protégia a desgraçada, evidentemente. Mas onde se administra justiça? *Caído o doador em pobreza* pôde ser revogada a doação. E, no meu caso, não só caí em pobreza: morreu de fome. Morreu de fome e o donatario assistiu impassivel á tormentosa agonia da sua benefiteira que morria de fome. E, de mais a mais, com uma revoltante malvadez, atirando gargalhadas pungentes de sarcasmo á infeliz.

Mais:

Admitta-se que não houve doação alguma, extorquida habilidosamente, maldosamente, ou não. Admitta-se que não houve dadas generosas de peças

de tecido, nem de arrecadas de ouro, nem nada.

Existiam ou não irmãos da pobre e infeliz mulher em condições de remediada abundância? Existiam e existem ainda.

Pois ahí está o mesmo Código Civil, na secção XI, tratando *Dos alimentos*.

«Art. 171.º—Por alimentos entende-se tudo o que é indispensável ao sustento, habitação e vestuário.

«Art. 172.º—A obrigação de alimentos é reciproca entre descendentes e ascendentes e *entre irmãos*».

Mas, apesar destas claras e positivas disposições legais, a necessidade, o abandono, a miséria é medonho abute de garra immensa apanhando e escarnecendo dos desgraçados, esmagando-os na asphixia tormentosa de mil dores e martyrios.

Só a caridade, mas a caridade evangelica, pôde ser o redemptor salva-vidas neste mare magnum de desventuras, neste pandemio de cruzeas vis e nefandas atrocidades.

A caridade evangelica, sim! Mas a caridade evangelica não é essa caridade do high-life, que espalha benefícios a rufo de tambor e a repique de sinos. Não é essa vaidosissima caridade galante que não entra na choupana da miséria onde ha contorsões desesperadas de dor, onde mora a vergonha, honrada sim, mas cheia de fome e de lagrimas. Não é essa caridade espaventosa, que deita reclame nas folhas e espalha ouro do alto das janellas, fascinando as multidões.

A caridade! Ah! a caridade é a mystica pomba de asas brancas abrigo nas suas macias plumas os corações feridos nos espinhos bravos da dor.

Para não ir mais longe. E' tempo de terminar. O Anjo modelar da caridade é S. Vicente de Paulo percorrendo na solidão da noite as ruas de Paris, agasalhando as creancinhas abandonadas.

E a verdadeira caridade christã tanto a pôde exercer Cresco opulento como Lazaro miseravel, ou mais ainda este, porque a humanidade do que mais precisa é de consolações para a alma, e só bem pôde consolar a amargura aquelle que melhor a tem sentido.

Nem só de pão vive o homem. Ha muitos corações afflicto, desamparados na sua afflicção, a abafar na esbrazada sede dum allívio. Ora só o que mais soffre pôde melhor apagar esta sede, ainda que não seja senão misturando as suas lagrimas, commovidas na desgraça, ás lagrimas de outro desgraçado.

E a conferencia de S. Vicente de Paulo é a melhor, a mais efficaz esmola de caridade que inventiva humana pôde crear.

O pobre não se envergonha de receber a esmola, como já disse, porque sabe que a mão que lha transmite não dá do que é seu, ordinariamente. E o socio exemplifica-se na humildade do soffrimento e da necessidade, commove-se nos quadros vivos da miséria: educa o espirito na bondade e reanima-se para os combates moraes desta existencia de martyrios.

Oh! como é para desejar que se implante por toda a parte esta abençoada escola de benemerencias, este aviario de sublimes virtudes!

Nem morreria tanta gente á fome, nem tantos espiritos viveriam em trevas e seguiriam para a eternidade mergulhados em trevas.

O egoismo desterrar-se-hia dos corações. Uma venturosa paz faria a felicidade e a alegria santa de muitos lares. As migalhas que sobram em muitas mesas converter-se-hiam em perolas de luz transformando muitas lagrimas de tristezas em sorrisos doces de puro contentamento.

Não se escarneceria assim, impudentemente e impunemente, da lei. Haveria um guarda vigilante a gritar *aqui delrei* contra as explorações aos desgraçados.

Não haveria a contar e a lastimar casos como este, que narrei—casos que sam a abjecção, a deshonra da humanidade, principalmente do povo christão.

Para terminar dizendo isto foi que se escreveu tudo quanto fica nestas columnas.

Oxalá que, onde houver uma alma que exponha esta ideia, surjam corações inflamados em amor do proximo que se congreguem e constituam como que um só coração—pyra inflamada em ardor vivo, intenso, que illumine e aqueça toda a escuridão triste e toda a nudez gelada.

GERVASIO LUCAS.

CURIOSIDADES

Calendarios.—As pessôas previdentes que conservaram o calendario de 1900, podem del-

le utilizar-se neste anno de 1906, porque estes dois annos sam absolutamente eguaes. Pois não só os mesmos dias da semana correspondem ás mesmas datas, mas até as festas móveis occupam o mesmo logar nos calendarios. Em 1906 como em 1900 o anno começa e acaba por uma segunda feira, a Paschoa cai a 15 de abril, etc.

Se esta noticia fosse geralmente conhecida algumas semanas antes do começo do novo anno, quanto dinheirinho deixaria de cair na algibeira dos calendaristas!

A cavallo.—O presidente do tribunal de Château-Thierry, snr. Magnaud, fez ha tempo uma tentativa de administrar justiça a cavallo. Alguns bohémios altercavam e se espancavam mutuamente em Thierry, quando apparece o presidente Magnaud a cavallo. Tentou apaziguá-los por um longo discurso sobre a fraternidade. Tudo correu ás mil maravilhas enquanto se conservou a cavallo; mas, mal pôs pé em terra, perdeu todo o prestigio, e, recomeçando a contenda, esteve para ser victima della, e não teve mais tempo que para montar precipitadamente a cavallo e ir a galope procurar a policia. Quando esta chegou ao logar da contenda, não estava já ali ninguém.

Já tinhamos a magistratura de pé, sentada e até deitada; o snr. Magnaud creou a magistratura a cavallo.

Feliz communa!—Eiz uma terra onde se morre velho: é a communa de Hautes-Rivières, nas Ardenas (França). No anno de 1905, duma população de mais de 2000 habitantes apenas houve 37 óbitos. E adverte-se que, deste número, 21 pessoas haviam attingido 72 a 80 annos e 14 tinham chegado a respeitavel idade de 81 annos. Portanto estes 14 últimos fallecidos, só á sua parte, tinham vivido uma somma de 1130 annos.

Notemos, para mais facil credibilidade do authentic fact, que o correspondente que o noticia, accrescenta «que a peste do alcoolismo é desconhecida em Hautes-Rivières».

Feliz terra, onde se vive bem e se morre velho e onde o alcool é desconhecido! Esta abstenção da funesta bebida não só proporciona longos e pacificos dias de vida aos que assim usam, mas, poupando lhes um sem-número de misérias e vícios moraes, lhes aplan o caminho de mais longa e melhor vida.

Em Portugal tambem assim é... mas do avesso.

Novas machinas

fallantes "PATHE",

Em casa do snr. JOÃO GUALDINO encontram-se á venda os melhores phonographos conhecidos da Casa PATHE.

Sam as machinas mais aperfeiçoadas e que imitam com mais semelhança e nitidez as vozes e as notas musicas.

Para este aparelho tem milhares de cylindros que se vendem aos preços de 450 e 750 reis.

As machinas custam 6\$500, 15\$000, 80\$000 reis, etc.

NOTICIARIO

Associação dos Surradores.—Os corpos gerentes da Associação de Classe e Caixa de Soccorros dos Operarios Cortidores e Surradores desta cidade para o anno de 1906 sam os seguintes:

Assembleia geral — Presidente, Annibal José Pereira; 1.º secretario, José da Silva Oliveira Salgado; 2.º Secretario, José Carneiro.

Direcção da Associação — Presidente, Francisco da Silva Guimarães; 1.º secretario, José da Silva Oliveira Salgado; 2.º secretario, José Carneiro; thesoureiro, Antonio de Abreu; vozaes, José Joaquim Duarte, João Mendes Guimarães e Manuel José Pereira.

Direcção da Caixa de Soccorros — Presidente, José Carneiro; 1.º secretario, Manuel da Silva Sampaio; 2.º secretario, José da Silva Oliveira Salgado; thesoureiro, Francisco da Silva Guimarães; directores effectivos: José de Oliveira Pereira Pantaleão, José da Silva Filipe e João Mendes Guimarães; directores supplentes: Domingos Soares, Manuel José Pereira e Antonio Soares.

Festa a S. Sebastião

—Em conclusão das novenas que se têm feito, com grande assistencia de feis, na igreja de S. Damaso em louvor do martyr S. Sebastião, que ali se venera, haverá no dia 21 do corrente uma deslumbrantissima solemnidade.

Eiz o programma:—Na tarde do

dia 20 haverá vespervas solemnes, seguidas de sermão, pelo rev. Gaspar Roriz.

A igreja encontrar-se-há ricamente ornamentada, estando tambem expostas as primorosas alfaias que possue esta corporação, offerecidas pelo benemerito bemfeitor o fallecido commendador Manuel José Teixeira; estrear-se-ham tambem algumas ontras, que ainda faltavam.

Na noite deste dia haverá vistoso arraial com illuminação em toda a rua de S. Damaso, musica do sr. João Ignacio, fogo de artificio e balões.

No dia 21, ao romper de alva, será annunciada a festividade com salvas de fogo e musica; pelas 10 e meia horas da manhã principiárá a missa solemne a grande instrumental e no fim do Evangelho subirá ao pulpito o rev. Fontinha; pelas 3 horas da tarde sahirá a majestosa procissão, incorporando-se na mesma algumas confrarias da cidade, nove figuras representando as virtudes do santo, ladeadas de anjos com emblemas adequados ao martyr, e seguindo um grupo de gloria. Após a irmandade de S. Sebastião, será este conduzido em seu precioso andor, bordado a ouro, á frente do qual irá um côro de virgens, entoando hymnos ao glorioso defensor da fé catholica, a cruz clerical, estreada pela primeira vez nesta procissão, seminaristas, ecclesiasticos com capas de asperges, o primoroso pallio, debaixo do qual será conduzida a sagrada reliquia do Sauto Lenho, fechando o prestito uma força de infantaria 20, com a respectiva banda.

Taxas postaes.—Durante a corrente semana vigoram as seguintes taxas de conversão dos vales postaes internacionaes: franco, 189 reis; marco, 232 reis; corôa, 198 reis; peseta, 160 reis; dollar, 1\$050 reis e libras, 50 3/4.

Donativo.—O snr. conde de Margaride entregou ao presidente da Associação dos Cortidores e Surradores, por intermedio do rev. Gaspar Roriz, a quantia de 20\$000 reis para fundos da caixa de soccorros, annexa á mesma agremiação. Este nobre titular tem sido um grande benemerito daquella agremiação, soccorrendo-a já por diversas vezes.

Bem haja o ex.º conde de Margaride pela acção generosa que acaba de praticar para com a referida collectividade.

Lembrança da 1.ª communhão—Na *Typographia Minerva Vimaranesense*, á rua de Payo Galvão, encontram-se á venda lindas estampas coloridas, proprias para lembranças da primeira communhão não só para meninas, como tambem para meninos.

As mais pequenas, que medem 0^m,07 x 0^m,12, vendem-se avulso ao preço de 20 reis.

Tambem ha estampas para registos, com diversos imagens, que se vendem por preços muito razoaveis.

Quando as encomendas se am avultadas fazem-se preços muito economicos.



Officina de encadernação e Papelaria

DE

Antonio Luiz da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possue escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos garantidos e rapidos

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas

POR

Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas-douradas	500 »
Em chagrín-douradas	1.000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do sr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.^a EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,"

Com auctorização do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sar. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42, 1.^o—Porto

As Terras de Valdovés

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POR

José Candido Gomes

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dos perspeltos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação.— Todos os cavalheiros que aceitaram o 1.^o volume com declaração de assignatura receberam a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranense
Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto—Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga—Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

SYNOPSIS

DA

THEOLOGIA MORAL

PELO PRESBYTERO

João Evangelista de Lima Vidal

Doutor em theologia

APPROVADA PELO SNR. BISPO CONDE

2 vol. 1\$200

Livraria França Amado, editor—COIMBRA.

Os Centros Nacionaes

PELO

DOM FRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel

Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.^{as}, rua do Almada, 119 a 123—Porto.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDDE CATHOLICA DE AGNERS

Vertida em portuguez

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego, Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Camensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.^a classe "pro Ecclesia et Pontificie" e redactor da "Revista Catholica."

E' por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attentões dos governos, tanto das nações mais humilides, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientificamente e magistralmente, em toda a sua profundidade e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de várias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfiziam completamente. Umam eram niniamente resumidas, e isto o maximo número, outras niniamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquela cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em portuguez do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferéncia que, entre todas, lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das luctuações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é somente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrintho de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circumstancias do nosso tempo. Para tanto não se encontrará compendio mais em condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 réis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica*—Vizeu.

PEDRO SCAVINI

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.^o volume da segunda edição portuguesa da importantissima obra de Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario

José Maria de Almeida

Rua de Grão-Vasco—VIZEU